

Onde vá, todo ser caminha lado a lado  
Da luz cantando sempre o amor profundo e ardente  
Ou da sombra transfeita em pavoroso mito;

A deixar cada dia o crisol do passado,  
Vai e vem, a sofrer, no esmeril do presente,  
Para estampar-se, enfim, nos troféus do Infinito!



CIRO COSTA \*



FASCINAÇÃO

Atravessara, aflito, os umbrais do outro mundo  
E, ao erguer-se da lousa, exâmico, febreto  
No sepulcro imagina o sumuoso aposento  
Onde, a sós, afagava o tesouro infecundo.

- “Meu dinheiro!” — reclama, exasperado e atento.  
6 — “Ouro! Meu ouro só! Por nada me confundo!  
Ladrões! Quem me furtou?” — esbraveja iracundo,  
Em largo desafio aos sarcasmos do vento.

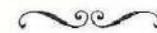
(\*) Depois de formar-se em Direito pela Faculdade de S. Paulo, o artista de «Pai João» viajou pela Europa e pelo Oriente, chegando a visitar a Índia e o Egito. Residiu por algum tempo no Rio de Janeiro. Juntamente com Olavo Bilac, Martins Fontes e outros intelectuais, fundou a «Sociedade dos Homens de Letras do Brasil». Colaborou nas revistas paulistas da época, dentre elas *A Cigarra* e *A Vida Moderna*. Eleito para a Academia Paulista de Letras, não chegou a tomar posse. «Ciro Costa era uma irradiação larga, amplíssima de talento e de simpa-

blicação do *Jornal do Commercio*, pág. 5). (Teresina, Piauí, 2 de Agosto de 1879 — Rio de Janeiro, Gb, 6 de Dezembro de 1935.)

BIBLIOGRAFIA: *Amores Alvos*; *Poesias*; *Lírios Brancos*; *Descendo a Montanha*; etc.

9 Ouve o silêncio em torno e ruge: — "Agora, agora!  
10 Achei meu cofre! Achei!..." — gargalha, grita, chora,  
Na homérica ilusão que ele mesmo proclama...

Inclina-se. Algo colhe e, em delírio perfeito,  
13 Investe contra a sombra e aperta contra o peito  
Velha tampa de esquife empastada de lama.



GALBA DE PAIVA \*



DESERTOR

Silêncio... Inércia... Morte... O fim de tudo...  
Era o estranho ideal que acalentara  
Quando vivi qual cego, surdo, mudo,  
Ou sonâmbulo em crise longa e rara.

tia» — afirma Marques da Cruz na *Revista da Academia Paulista de Letras*, nº 25, pág. 169. «Epígonos da geração acadêmica do Romantismo», fundamentalmente um romântico, ele viveu, porém, a vida da sua época. «Foi parnasiano e simbolista» — escreve Marques da Cruz, concluindo. (Limeira, Est. de S. Paulo, 18 de Março de 1879 — Rio de Janeiro, Gb, 22 de Junho de 1937.)

BIBLIOGRAFIA: *Estelário; Terra Prometida*.

6. Epimone. — Cf. nota 2, pág. 36.  
9. Ricochete: "... — Agora, agora!"  
10. "Achei meu cofre! Achei!...": Mesarquia. Cf. nota 7, pág. 42. Observe-se, ainda, a adequação dos verbos a exprimir uma graduação ascendente.  
13. Cf. nota nº 6 deste capítulo.

- 5 Covarde e tresloucado, em transe agudo,  
De súbito fugi à vida amara  
E marchei, constrangido, para o estudo  
8 Do enigma que, em vão, me acabrunhara.

(\*) Poeta distinto, jornalista, conferencista e crítico literário. Depois de cursar o Liceu Alagoano, de Maceió, bacharelou-se pela Faculdade de Direito do Rio de Janeiro, tendo sido o orador da turma de 1915. Exerceu várias funções públicas na administração e na magistratura do Rio Grande do Sul. Colaborou em diversos jornais e revistas, dentre outros o *Diário do Interior*, de Santa Maria, *Última Hora*, de Porto Alegre, *Fon-Fon!* e *Leitura Para Todos*, do Rio de Janeiro. Na revista